

POSSÍVEIS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES COM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER

Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação**

**Laura Cavalcante Marques ¹
Apoio: PIVIC Mackenzie**

Sandra Ribeiro de Almeida Lopes ²

**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) ¹
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) ²**

**<10402989@mackenzista.com.br>
<sandra.lopes@mackenzie.br >**

RESUMO

A Identidade de uma pessoa é construída a partir da sua interação com o mundo e relação com o outro, sendo fruto da soma de valores e informações absorvidas por este indivíduo ao longo da vida. A ocorrência de uma doença crônica na adolescência, período de formação de repertório e de estabelecimento do “eu” que o indivíduo visa se tornar, interfere em diversos aspectos da vida do paciente influenciando sua percepção e experiência sobre as diferentes circunstâncias da vida. O presente artigo, trata-se de uma revisão sistemática sobre o tema, que analisou os possíveis impactos do diagnóstico de câncer para a vida de um adolescente, e as consequências para a formação de sua identidade. O estudo revelou que a autoimagem e suas alterações durante o tratamento demonstram ser um tópico de extrema importância durante esse processo, influenciando a forma como o jovem se relaciona com os outros e como constrói seu entendimento sobre diversas temáticas. Comprovou-se também que, diante das mudanças de rotina e possível afastamento de grupos sociais, a família e profissionais de saúde que acompanham o paciente tem essencial papel como rede de apoio, auxiliando a passagem pelas adversidades e fornecendo alívio emocional durante o tratamento. O sofrimento e angústia que o adolescente vivencia neste período podem resultar em quadros de ansiedade e sintomas depressivos, de forma a influenciar sua autoestima e percepção de mundo, podendo resultar em sentimentos de incapacidade, que podem se consolidar e vir a se tornar parte da identidade e mentalidade do indivíduo.

Palavras-chave: Câncer; adolescência; identidade; socialização; psicológico

ABSTRACT

A person's identity is constructed from their interactions with the world and relationships with others, resulting from the sum of values and information absorbed by this individual throughout life. The onset of a chronic illness during adolescence, a period of repertoire formation and establishment of the self that the individual aims to become, interferes with various aspects of the patient's life, influencing their perception and experience of different life circumstances. This article is a systematic review on the topic, which analyzed the possible impacts of a cancer diagnosis on an adolescent's life and the consequences for the formation of their identity. The study revealed that self-image and its changes during treatment are extremely important during this process, influencing how young people relate to others and how they develop their understanding of various topics. It also demonstrated that, given routine changes and possible

withdrawal from social groups, family and healthcare professionals who accompany the patient play an essential role as a support network, helping them navigate adversities and providing emotional relief during treatment. The suffering and anguish that adolescents experience during this period can result in anxiety and depressive symptoms, affecting their self-esteem and worldview, potentially leading to feelings of inadequacy, which can become entrenched and become part of the individual's identity and mindset.

Keywords: Cancer; adolescence; identity; socialization; psychological

1. INTRODUÇÃO

O conceito de adolescência e suas transformações específicas desse estágio da vida foram objeto de estudo durante décadas, havendo diferentes definições e análises sobre as suas implicações para a formação do modo de ser de um indivíduo. O autor Erik Erikson a partir de sua Teoria Psicossocial (1976b), disserta sobre os diferentes estágios da vida humana, atribuindo a eles diferentes crises pelas quais um indivíduo deve passar, a fim de simbolizar o momento de conclusão de tal período, e a passagem a um próximo. Erikson definiu a adolescência, o período contemplado dos doze aos dezoito anos, momento em que são feitas experimentações de âmbito social, acadêmico e pessoal, bem como outros, de forma a ampliar o repertório vivencial e comportamental de um indivíduo, o que lhe permitirá, a partir disso, realizar uma autoavaliação mais coerente e integrada de si, sendo um estágio crucial e importante para a formação de identidade.

É neste período que o adolescente, que construiu novas redes de contato com outros grupos e pessoas desde a infância, se distancia do contexto somente familiar, tendo concluído a socialização primária e passando à seguinte. O processo de socialização secundária e estabelecimento de vínculos fora do ambiente primário é fundamental para a construção de identidade do indivíduo, de modo que, o contato com ideias e valores distintos que ocorre a reavaliação dos conceitos iniciais que, ao serem passados pelo seu primeiro círculo de convivência, foram assimilados durante o período da infância. A partir do encontro com outros grupos sociais, outras ideologias, saberes e hábitos, o adolescente reexamina os seus primeiros entendimentos sobre o mundo e si mesmo, adentrando novas informações e comparando-as às antigas, de forma a selecionar as que mais fazem sentido para si e as conservar, enquanto outras podem ser descartadas, já que o indivíduo não mais se identifica com elas (DE OLIVEIRA *et al.*, 2019; SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2003, 2009).

Erikson (1976a) explica a construção de identidade como uma concepção bem organizada do ego, a qual contempla diferentes aspectos com os quais um indivíduo se constitui e se define, como valores, gostos, crenças, planos para o futuro, expectativas, entre outros. O autor disserta sobre a construção da identidade no período da adolescência, como um embate entre duas forças opostas: a identidade do ego e a difusão de identidade. A partir disso, o resultado da ação das duas potências resultaria na identidade formada pelo indivíduo, que se consolidará e o acompanhará ao longo da vida de forma sólida, existindo alterações, mas mantendo sua base formada nesse estágio.

Sendo o conhecimento de diferentes visões de mundo essencial para a formação da identidade do indivíduo, as restrições de participação para determinadas experiências comuns dessa idade que adolescentes com câncer vivenciam por consequência do tratamento e sintomas da doença crônica representam uma potencial lacuna em seu desenvolvimento, de forma a poder resultar em dificuldades em manter contato e interagir com outros grupos sociais e assim, influenciar na sua construção de repertório. Dessa forma, esse grupo pode ter problemas para elaborar os conflitos apresentados durante esse período e consequentemente, dificuldades para superar a crise deste estágio da vida, além de déficits de socialização e estabelecimento de vínculos com pessoas de sua idade, mesmo em momentos posteriores à adolescência.

O câncer, como doença crônica não transmissível, caracterizada por ser uma patologia de gradual desenvolvimento e longo tratamento, traz a necessidade de intervenções específicas com intuito de amenizar os efeitos dos tumores no corpo do paciente, buscando uma possibilidade de erradicação das células cancerígenas. (BRENNAN, 2002 *apud* KOIFMAN & HATAGIMA, 2003; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008.) Ao se considerar aqueles que estão na luta contra o câncer desde o final da infância e começo da adolescência, momento tão fundamental na vida humana por ser permeado por mudanças corporais, comportamentais e adaptacionais, pode-se discutir o impacto na manutenção de relações sociais deste grupo devido às intervenções necessárias para sua melhora, além das consequências psicológicas e emocionais deste afastamento (REZENDE *et al.*, 2009).

Nesse âmbito, o adolescente que recebe o diagnóstico de câncer tende a alterar suas condições de vida a fim de conciliar a rotina com o tratamento, fase na qual inicialmente já haveriam diversas mudanças a lidar: mudanças corporais, psicológicas, responsabilidades, entre outras, que agora seriam somadas às demandas da doença: necessidade de alterações devido à terapêutica do câncer (cirurgias, radioterapias e tratamento medicamentoso, que também inclui quimioterapias) (LE MOS, 2004; SOUSA, 2022; WECHSLER, 2017). Além de alterações na rotina devido aos tratamentos requeridos, existem outros receios que interferem na forma como o indivíduo passa a perceber a si próprio e seu futuro: saúde frágil e o impedimento de realizar alguns atos como antes do diagnóstico, riscos de possíveis sequelas futuras, medo de recaídas, além de incertezas sobre prognóstico de cura; impactos na aparência causados por fraqueza do organismo ou efeito dos tratamentos de controle escolhidos, entre outros, que afetam o seu contato com grupos sociais, além de afetar a forma como é percebido e como se relaciona com eles (VALENÇA & GERMANO, 2009; VIEIRA *et al.*, 2013).

Ademais, a forma como um indivíduo é percebido num contexto social também influencia a compreensão de si próprio. Silva (2004) discorre sobre como o entendimento que o indivíduo faz de si mesmo é moldado a partir da interação com um outro, passando a classificar-se como diferente de alguém a partir do que o caracteriza como “eu”. Ao se perceber distinto e similar em relação ao outro, cria-se a noção de identidade, o que permite integrar grupos com características específicas. Para um adolescente, o processo de pertencer a um grupo e contexto social, entendendo o seu “propósito” em determinado meio e as características que o compõem como indivíduo pertencente a um lugar demonstra-se a questão mais significativa desse estágio da vida.

Assim, este estudo tem como objetivo investigar os impactos do diagnóstico de uma doença crônica no período da adolescência, de forma que busca-se compreender como as mudanças físicas, psicológicas e emocionais decorridas de intervenção médica podem afetar o processo de construção de identidade do paciente que recebe o diagnóstico de câncer no período entre 12 e 18 anos de idade, e quais suas consequências para a autoimagem e processo de socialização, que influenciam a construção de identidade e repertório do jovem. Ademais, cabe estudar o papel do grupo familiar e dos profissionais da saúde como rede de apoio para o adolescente durante o período de tratamento contra o câncer, e de que forma isso afeta sua percepção de mundo e autoestima.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A princípio, a metodologia escolhida para realizar esta pesquisa tinha caráter empírico, na qual pretendia-se obter dados sobre as percepções de psicólogos que acompanham adolescentes com câncer. Em decorrência das dificuldades de se contatar profissionais que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa e que estivessem dispostos a colaborar, o método utilizado foi alterado para revisão sistemática de maneira que o projeto pudesse ser finalizado dentro do prazo pré-estabelecido.

A presente pesquisa foi organizada a partir de uma revisão sistemática, cujos dados foram coletados através do levantamento de produções científicas nas principais bases de busca no período correspondente a 10 anos por meio dos seguintes descritores: “Adolescente”; “Câncer”; “Educação”; “Escola”; “Autoimagem”; “Socialização”; “Rede de apoio”; “Família”; “Emocional”; “Tratamento”. Os artigos foram selecionados a partir de buscas nas plataformas Scielo, Pepsic e Google acadêmico, e estão publicados em diversas revistas de caráter científico.

Para este estudo foram analisados 30 artigos produzidos entre os anos de 2015 e 2025, dos quais foram selecionados 10, que embasaram a seleção de três tópicos principais a serem discutidos: autoimagem durante o tratamento contra o câncer; desenvolvimento acadêmico e os processos de socialização favorecidos pelo ambiente escolar; e o importante papel da família e dos profissionais da saúde no contexto de descoberta de uma doença crônica e seu tratamento no período da adolescência. Optou-se por discutir as seguintes categorias temáticas por serem aspectos relevantes para compreensão do tema, como também por aparecerem de forma recorrente no material coletado.

Para embasar a pesquisa, selecionou-se produções científicas que abordassem as dificuldades enfrentadas a partir da descoberta do diagnóstico e durante o tratamento que influenciassem a percepção do adolescente sobre si mesmo, o outro e o meio em que está inserido, além de suas implicações para mudanças de rotina e suas consequências para a vida do paciente. Foram excluídos artigos que não abordassem pelo menos um destes tópicos ou que não trabalhassem com o público adolescente oncológico.

2.1 AUTOIMAGEM

Ao longo da vida, o ser humano passa por diversas transformações corporais, que marcam a passagem por diferentes estágios de sua vida. A entrada na adolescência é vivenciada com alterações externas, que marcam o amadurecimento corpóreo de um indivíduo, que logo passará a sua forma adulta. Neste período, ao se tornar um ponto de referência para avaliar-se como pessoa, a aparência física se torna um tópico de grande destaque na vida do adolescente (IAMIN & ZAGONEL, 2011).

Durante essa fase do desenvolvimento, surgem para os adolescentes muitos padrões ideais de corpo, mantendo a supervalorização de um físico exposto como “perfeito”. Esses modelos criados são reforçados pelas mídias digitais, que ao prezar por apenas referências difíceis de se alcançar, influenciam a autoestima e a autoimagem de diversos adolescentes, que passam a se sentir infelizes com seu exterior, que não está dentro de um padrão associado à sucesso, felicidade, entre outros (MURARI & DORNELES, 2018). A imagem corporal pode ser definida como um “conjunto de representações, sentimentos, atitudes que o indivíduo elaborou acerca do seu próprio corpo ao longo da existência” (BRUCHON-SCHWEITZER, 1990, p. 173-174 *apud* BARBOSA et al., 2011), sendo influenciada por diversas interações do indivíduo com o mundo, sendo o resultado de tudo que o ser humano vivencia ao longo da sua

vida. Assim, esta imagem que um indivíduo mantém acerca deste tópico influencia diversos aspectos na sua vida, como bem-estar emocional e sua forma de se relacionar em um meio, com outras pessoas: “O corpo e os traços apresentam importante relação com a imagem que tem de si e com a ideia que faz de como é aos olhos dos outros” (CAMPOS, 1977, p.23 *apud* IAMIN & ZAGONEL, 2011; OLIVEIRA & MACHADO, 2021).

Dessa forma, ao entender a importância da imagem que o adolescente tem de seu corpo, e a maneira como este é igualmente julgado pelos outros ao seu redor, compreende-se as dificuldades enfrentadas por adolescentes com câncer, que vivenciam alterações corporais marcantes durante o tratamento, como alopecia, anorexia e outros efeitos colaterais que podem ocorrer em decorrência do câncer, como amputações. Todas estas ocorrências afetam sua imagem corporal negativamente, contribuindo para maiores mudanças de humor e infelicidade durante o processo (BONASSA, 1992 *apud* MENOSSE & LIMA, 2000).

Sobre o impacto da autoimagem na formação de identidade de um indivíduo, Oliveira e Machado (2021, p. 2665), dissertam:

A percepção de sua imagem corporal reflete sua relação com o ambiente, relação esta que permite se conhecer e construir uma identidade. Sugere-se que na contemporaneidade a identidade se constitui pela imagem (o que nos captura e nos projeta) e pelo consumo (o que consumimos e como consumimos). Ao expressar ideais estéticos e modos de viver, a mídia influencia a construção de um padrão de corpo no inconsciente do sujeito. Na adolescência esta imagem é introjetada e validada, constituindo um valor.

Dessa forma, percebe-se a importância que a autoimagem representa tanto para a constituição do emocional do adolescente, influenciando sua satisfação consigo mesmo e autoestima, como também para o estabelecimento de vínculos sociais, ao se considerar que a aparência física é tida como um tópico de importante julgamento na relação com um outro. As diversas consequências decorrentes do tratamento contra o câncer fazem com que o adolescente enfermo tenha um corpo que se distingue dos demais da sua idade, o que muitas vezes resulta em discriminação por parte de terceiros, que o enxergam de forma distinta por não corresponder aos padrões ideais de como um corpo adolescente sadio deveria ser (COSTA *et al.*, 2021; MENOSSE & LIMA, 2000). Isso contribui ainda mais para sentimentos de angústia e infelicidade com o próprio corpo para os adolescentes diagnosticados, o que por sua vez, pode resultar também em isolamento social e prejuízos maiores ao emocional e psicológico desse grupo (MENOSSE & LIMA, 2000).

2.2 DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E SOCIALIZAÇÃO

Com a urgência de se realizar tratamento oncológico, que podem incluir internações e procedimentos que mantenham o paciente em ambiente hospitalar por mais tempo, muitos adolescentes enfrentam a necessidade de se afastar das atividades escolares por tempo indeterminado. Essa alteração de rotina, além de representar angústia por terem que se adequar a ambientes não familiares e ter acesso limitado a passatempos aos quais estavam acostumados, também os impede de frequentar a escola e manter contato com os colegas e professores (CEDRAZ & CUNHA, 2019; COSTA *et al.*, 2021).

A dificuldade de manter os estudos devido uma rotina instável além de prejudicar a aprendizagem e a constância de seu desenvolvimento educacional, influencia também o processo de socialização do adolescente com outros jovens de sua idade. As restrições impedem o enfermo de realizar atividades de lazer ou manter contato físico com muitas pessoas (devido a fragilidade do sistema imunológico, a depender da gravidade do câncer e seu estágio), além de casos em que o adolescente se isola por questões que envolvem sua aparência, como o medo de ser discriminado, ou o receio de que os colegas o vejam debilitado (ANGHINONI, 2021; FREITAS *et al.*, 2016; MENOSSI & LIMA, 2000)

O distanciamento dos estudos representa uma lacuna tanto no processo de aprendizado do adolescente quanto para sua formação de vínculo com outros jovens, o que por sua vez, influencia na sua formação de identidade. Sendo o câncer uma doença de grande impacto emocional no ser humano (SILVA, 2005 *apud* IAMIN & ZAGONEL, 2011), o diagnóstico e o processo de cura alteram a forma com que o adolescente vivencia muitas questões em sua vida, de forma a alterar sua perspectiva sobre diversos aspectos, podendo resultar em um desajuste emocional. O câncer para o adolescente implica em ter a morte como uma possibilidade mais real do que quando ainda não estava doente, tornando difícil para o paciente formular planos futuros e acreditar num porvir (MENOSSI & LIMA, 2000). Para alguns casos, esse medo da morte “iminente” pode impossibilitar o adolescente de ter um desenvolvimento adequado, de forma que, movido pela ideia de que a finitude está próxima, o enfermo se mantém sem esperanças e perspectivas de cura, não crendo que possa existir um “futuro eu”. Se manter fixado no presente e nas consequências da doença para sua vida, causa danos a sua qualidade de vida em diversos âmbitos, principalmente emocionais e sociais, levando o paciente novamente a esse espaço de inseguranças e angústias, e potencialmente, afastamento de grupos sociais (BICALHO *et al.*, 2019; FREITAS *et al.*, 2016; TORRES, 1999 *apud* IAMIN & ZAGONEL, 2011).

Sobre o papel da escola na formação do indivíduo, Freitas e colaboradores (2016, p.176) dissertam:

A escola é uma forte aliada no processo de reintegração social, especialmente por ter como função formar sujeitos cidadãos, autônomos, aptos para conviver em um contexto multicultural e eclético, superando desafios e sendo autor de sua realidade. Além disso, aperfeiçoa a criatividade, autonomia e suas expectativas em relação ao futuro.

Assim, para além de um ambiente essencial para o aprendizado de habilidades e conhecimentos úteis para o futuro, a instituição escolar também desempenha importante papel no desenvolvimento social do adolescente, favorecendo a formação de vínculos com pessoas e grupos distintos.

Berger e Luckmann (1973, p. 175 *apud* RIBEIRO E CAMPOS, 2011) definem a socialização secundária como “qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade”, de forma a ser de suma importância para a formação de identidade de um sujeito. O contato com grupos diversos expande o repertório cultural do adolescente, auxiliando-o a escolher quais concepções mais lhe fazem sentido, construindo um entendimento sobre si mesmo e definindo sua identidade (ABRANTES, 2011).

Ao ser um ambiente propício para o encontro com diferentes bagagens culturais e hábitos, além de espaço criado com a finalidade de ensinar habilidades e conhecimentos úteis para a vida em sociedade, a escola tem sua influência na formação de identidade do adolescente (MORAES, 2009). O afastamento dos estudos devido ao tratamento pode afetar a socialização dos adolescentes enfermos, e conseqüentemente, suas experiências e formação de repertório, influenciando em seu processo identitário.

Uma alternativa criada para suprir a possível falta de contato com outros jovens de sua idade, são grupos de escuta e apoio psicossocial em hospitais e centros de tratamento, que permitem aos pacientes conhecerem outros em mesma condição e compartilhar experiências e sentimentos acerca do diagnóstico e tratamento. A partir de pesquisas realizadas, se comprova a relevância que grupos de apoio realizam para a reabilitação social, atuando na vida do indivíduo de forma a auxiliá-lo a lidar com sentimentos de ansiedade e situações estressantes. O convívio e criação de vínculos afetivos com outros pacientes oncológicos, bem como ter o

apoio dos profissionais de saúde e grupos familiares demonstram resultar em diversos benefícios para o enfermo, de forma a contribuir para a melhora da qualidade de vida e bem-estar em alguns pacientes (BALDISSERA *et al.*, 2017; SANTOS & SOUZA, 2019).

Ademais, a escola tem a função de auxiliar a reinclusão do paciente durante seu tratamento oncológico, buscando evitar que o adolescente se sinta deslocado e reduzir as possíveis angústias experienciadas em seu retorno escolar. Visto as dificuldades enfrentadas, como receio em relação ao corpo, medo de sofrer exclusão e bullying, e não conseguir acompanhar a turma e seu rendimento acadêmico, a equipe pedagógica tem como papel acolher o aluno recém integrado, garantindo que consiga acompanhar as grades estudantis de maneira satisfatória, adaptando as atividades aplicadas e conteúdos lecionados aos horários e necessidades de sua rotina se for preciso, além de assegurar que o estudante não seja repudiado pela aparência e potenciais dificuldades de readaptação por outros colegas ou colaboradores. A fim de reduzir possíveis discriminações, a instituição escolar deve trabalhar projetos de conscientização e escuta entre os estudantes e profissionais, visando eliminar pré-concepções e ideias errôneas acerca da temática câncer e as implicações dos tratamentos para o paciente, suas possíveis angústias e maneiras de acolhimento e apoio neste momento (BRAGA *et al.*, 2021; FREITAS *et al.*, 2016).

2.3 PAPEL DA FAMÍLIA E DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

O processo percorrido pelo adolescente desde o descobrimento de um câncer até o tratamento visando a cura é perpassado por diversas dificuldades adjuntas e emoções intensas, que mudam a sua perspectiva sobre o viver e qualidade de vida. Nesse contexto, ter uma rede de apoio que o acolha e auxilie a passagem pelo tratamento é de extrema importância para o adolescente, que vivencia uma mudança drástica que influencia rotina, imagem corporal, relações sociais, além de outros âmbitos. A família do paciente representa um importante pilar para sua recuperação, sendo o grupo que mais se dispõe a cuidar, tanto da saúde física quanto emocional do enfermo (DE SOUZA *et al.*, 2016; LOPES *et al.*, 2022; MENOSSE & LIMA, 2000).

Toda carga afetiva pela qual o paciente é submetido pode impactar sua qualidade de vida, esperanças de cura e formulação de projetos para o futuro, ampliando seu sofrimento. Diante da fragilidade emocional, o apoio e o acolhimento que o grupo familiar provém ao

adolescente nesse momento é essencial para uma passagem mais sadia pelo tratamento, visando diminuir a angústia e sofrimento psicológico advindo das consequências do câncer: isolamento social, afastamento dos ambientes familiar e escolar, além de sequelas advindas da intervenção médica, como alteração do corpo e dor (COSTA *et al.*, 2021; DE SOUZA *et al.*, 2016; FIGUEIREDO *et al.*, 2020; MENOSSE & LIMA, 2000).

Da mesma forma, os profissionais que acompanham o adolescente durante o tratamento possuem a responsabilidade de exercer cuidado durante o contato recorrente com o paciente e sua família, ao constituírem parte de seu dia a dia. No contexto hospitalar, a relação profissional-paciente é um pilar essencial para a sua recuperação e bem-estar.

Sobre o papel dos profissionais da saúde nesse contexto, Costa e colaboradores (2021, p. 2) discorrem em seu trabalho:

Neste contexto, o enfermeiro, por ser um dos profissionais mais próximos aos pacientes, assume um papel fundamental no tripé: paciente oncológico, família e equipe de enfermagem, oferecendo o suporte não só na parte clínica, terapêutica e técnica, mas também focando em humanização, conforto, alívio dos sintomas e equilíbrio com intuito de alcançar a escuta terapêutica aberta e acolhedora, o que possibilita a compreensão de angústias, medos, oferta suporte emocional imediato, e faz com que o cuidado seja mais efetivo.

A humanização do processo de cura e a sensibilização dos especialistas em sua atuação com este público influenciam a forma como o adolescente vivencia o estar doente em um hospital e como lida com as dificuldades e emoções frutos desse período vivido. Adotar uma prática que visa conforto do paciente e seus familiares através da criação de vínculo traz benefícios à saúde psicológica, auxiliando também em sua recuperação (FIGUEIREDO, 2020). A escuta terapêutica daqueles que acompanham o tratamento é essencial para aliviar as ansiedades vividas pelos enfermos, que podem não compartilhar com outros (família e amigos) que, devido ao impacto do diagnóstico, não gostam de discutir o assunto e não desejam prolongar o sofrimento (IAMIN & ZAGONEL, 2011). Nesse contexto, o profissional da saúde possui o papel de auxiliar o adolescente a se adaptar à nova realidade, buscando meios de diminuir o sofrimento perante o diagnóstico e as consequências para sua vida, além de promover apoio para o bem-estar da família durante esse período, servindo de suporte para os que necessitam nesse momento delicado (COSTA *et al.*, 2021; IAMIN & ZAGONEL, 2011).

Ademais, a maneira como o profissional lida com a família e suas angústias desde a comunicação do diagnóstico até o fim do tratamento influencia a maneira como este grupo irá lidar com a doença e suas repercussões, que a princípio podem gerar sentimentos de ansiedade e estresse. Os cuidadores do núcleo familiar passam por uma mudança de estrutura e rotina, buscando dar suporte necessário ao adolescente doente através de cuidados diários (higiene) e apoio emocional. Além de poderem enfrentar dificuldades financeiras devido aos custos dos tratamentos contra o câncer, a necessidade de cuidado constante leva muitos responsáveis a abandonarem seus empregos para se manter mais próximo ao paciente durante esse período (ROSSATO *et al.*, 2024; SANCHEZ *et al.*, 2010).

Nesse âmbito, o suporte oferecido aos grupos próximos do adolescente durante o tratamento se torna fundamental para a sua recuperação, auxiliando no acolhimento do sofrimento e buscando o seu bem-estar, visando também o do paciente. A forma como os grupos próximos ao paciente vivenciam e lidam com a doença influencia também o seu enfrentamento, de forma que reduzir os impactos do diagnóstico para seus familiares promove uma melhor adaptação à nova realidade e menos sobrecarga emocional (FIGUEIREDO, 2020).

Assim, por meio de uma rede de apoio e auxílio psicológico adequado, o paciente poderá vivenciar o adoecer de forma mais branda e saudável, ampliando sua mentalidade para além da enfermidade e suas dificuldades. Cultivar esperanças de cura e de um futuro contínuo a sua frente contribui para a qualidade de vida do adolescente e bem-estar psicológico, influenciando também a sua formação de identidade e a forma como lida com as adversidades da vida.

3. CONCLUSÃO

Considerando a identidade como derivada de um processo de construção desenvolvido mais intensamente durante a fase da adolescência, questionou-se de que forma a descoberta de uma doença crônica, as mudanças realizadas para incluir o tratamento na rotina e outras consequências advindas influenciam sua formação. Esta pesquisa teve como objetivo entender quais os possíveis impactos do diagnóstico de câncer para a formação de identidade do adolescente, utilizando-se da metodologia de revisão sistemática, que considerou o levantamento de 30 artigos científicos publicados nos últimos 10 anos sobre o tema, e a partir desta análise e da seleção de 10 destes trabalhos, foi possível identificar três categorias temáticas que serviram de norteadores para discussão do presente estudo.

Pode-se concluir que, a descoberta de um diagnóstico de doença crônica e o percurso percorrido até sua cura promove forte impacto em diversos aspectos da vida do adolescente, principalmente por estar vivenciando uma fase de sua vida marcada por mudanças corporais, emocionais e psicológicas. Devido a alterações de rotina decorrentes da realização de tratamentos e cuidados necessários, muitos aspectos da vida do paciente passam por transformações, principalmente no que diz respeito ao seu corpo e como isso influencia as suas relações sociais, que também são afetadas pela dificuldade de manter a programação escolar. De mesma forma, a angústia sentida pela necessidade de distanciamento de seus locais diários e não poder manter o cronograma habitual, o possível afastamento de amigos e as consequências do tratamento para seu corpo, bem como o medo da proximidade da morte, são fatores estressores para o adolescente que já vivencia alterações características dessa fase de desenvolvimento. O sofrimento que estas questões causam ao paciente podem resultar em sintomas depressivos e quadros de ansiedade, que influenciam sua autoestima e percepção sobre o mundo, além de levar a sentimentos de incapacidade, que podem se fortalecer de maneira a tornar-se parte da identidade e mentalidade do indivíduo por um longo período. Esses fenômenos contribuem para a formação de identidade do paciente, que passará a vivenciar as transformações da adolescência e sua criação de repertório e personalidade de forma distinta devido a mudanças emocionais e psicológicas advindas da experiência terapêutica oncológica vivida.

A maneira de pensar e agir frente à realidade são fortemente influenciadas pelo diagnóstico e tratamento do câncer, resultando por exemplo, em pensamentos que levem o indivíduo a se entender como incapaz de superar as adversidades e enfrentar esta situação e outras relacionadas, podendo levar a desistência de planos futuros. Ao mesmo tempo que alguns pacientes, diante de todas as dificuldades vivenciadas, passam a desenvolver estratégias de fortalecimento como meio de prosseguir e superar as adversidades advindas da doença, passando a agir da mesma forma frente a outros desafios no futuro. Nesse âmbito, a família e grupos próximos ao paciente, bem como os profissionais de saúde que o acompanham têm fundamental responsabilidade em fornecer suporte emocional para o adolescente nesse momento, visando diminuir suas angústias e sofrimento decorrentes das mudanças e ansiedades vividas. Prover conforto ao paciente neste período delicado o ajuda a viver o diagnóstico e seus efeitos de forma mais tranquila, influenciando sua percepção acerca deste processo, bem como suas perspectivas de cura e de construção de futuro. Possuir uma rede de apoio ajuda o adolescente a pensar para além das ansiedades e estresse causados pela doença, podendo

construir entendimentos sobre sua realidade de forma mais branda, aprendendo a enfrentar estas alterações de forma satisfatória, o que também demonstra ser benéfico para seu processo de recuperação e bem-estar psicológico.

4. REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XXI, 2011, p. 121-139.

ANGHINONI, Marciano. O paciente com câncer tem baixa imunidade? Dr Marciano Anghinoni, 2021. Disponível em <https://marcianoanghinoni.med.br/o-paciente-com-cancer-tem-baixa-imunidade/#:~:text=Pacientes%20com%20c%C3%A2ncer%20tem%20rela%C3%A7%C3%A3o,%C3%A9%20considerada%20imunocomprometida%20ou%20imunossuprimida.>

BALDISSERA, C., DOS SANTOS, L. F., DE OLIVEIRA, T. N. M., SILVA, A. B. P., BRAZ, M. M., & PIVETTA, H. M. F. UNIDOS PELA ARTE DE CUIDAR: GRUPO DE APOIO À PACIENTES COM CÂNCER. *In: Anais do 9º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE; Universidade Federal do Pampa | Santana do Livramento, 21 a 23 de novembro de 2017.* Disponível em: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/13539/seer_13539.pdf. Acesso em: 8 agos. 2025.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E.. As relações de vinculação e a imagem corporal: exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 3, p. 273–282, jul. 2011.

BICALHO, Christiane; ARAÚJO, Alisson; BOTTI, Nadja. Processo de adolescer relacionado ao adoecimento e tratamento do câncer. **Psic Saúde Doenças**, v. 20, n. 1, p. 74-87, 2019.

BRAGA, T. R. L.; MATTOS, C. X. DE .; CABRAL, I. E.. Participatory health education on school (re)inclusion of the adolescent cancer survivor. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 1, p. e20200006, 2021.

CEDRAZ, C. L. C.; CUNHA, E. O. EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRATAMENTO DO CÂNCER. *Cenas Educacionais, [S. l.]*, v. 2, n. 2, p. 175–185, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8027>. Acesso em: 9 jun. 2025.

COSTA, V. C. da .; MELO, N. R. M. de .; NASCIMENTO, M. M. de L. .; LEÃO, D. B. de M. .; NASCIMENTO, C. A. D. do .; BUSHATSKY, M. Percepção do Adolescente frente à sua Condição de Adoecimento Oncológico. *Revista Brasileira de Cancerologia, [S. l.]*, v. 67, n. 4, p. e–211672, 2021. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2021v67n4.1672. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1672>. Acesso em: 9 jun. 2025.

DE OLIVEIRA, A. J. B.; DE MELO, G. M.; SANTOS, I. M. de A.; DE ALENCAR, I. M.; LOURES, M. L. de C. AS SOCIALIZAÇÕES PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA:: quando o indivíduo sai da sua microbolha e se torna produto da sociedade. *Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior, [S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 16, 2019. Disponível em: <https://jornaleletronicofivj.com.br/jefvj/article/view/87>. Acesso em: 8 out. 2024.

DE SOUZA, Itala Paris et al. Adolescer e adoecer na perspectiva de jovem e família. **Ciencia y enfermeria**, v. 22, n. 3, p. 61-75, 2016.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976a.

ERIKSON, E. H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro. Zahar. 1976b.

FIGUEIREDO, Beatriz Lima; BARROS, Sibelle Maria Martins de; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. Da suspeita ao diagnóstico de câncer infantojuvenil: a experiência de familiares em serviços de saúde. **Nova perspect. sist.**, São Paulo , v. 29, n. 67, p. 98-113, ago. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412020000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jun. 2025. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.563>.

FREITAS, Nájila Bianca Campos et al . As percepções das crianças e adolescentes com câncer sobre a reinserção escolar. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 33, n. 101, p. 175-183, 2016 . Disponível em . acessos em 09 jun. 2025.

IAMIN, Solange Regina Signori; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer. *Psicologia Argumento*, [S. l.], v. 29, n. 67, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20155>. Acesso em: 9 jun. 2025.

KOIFMAN, Sergio, HATAGIMA, Ana. Exposição aos agrotóxicos e câncer ambiental. In: Peres F, Moreira JC, organizadores. *É veneno ou é remédio? Agrotóxicos, saúde e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003. p. 75-100.

LEMO, F. A.; LIMA, R. A. G. DE .; MELLO, D. F. DE .. Assistência à criança e ao adolescente com câncer: a fase da quimioterapia intratecal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 485–493, maio, 2004.

LOPES VJ, MERCÊS NN, SOUZA MA. Significados do conforto para adolescentes com câncer em tratamento quimioterápico. *Enferm Foco*. 2022;13:e-202215

MENOSSE, M. J.; LIMA, R. A. G. DE .. A problemática do sofrimento: percepção do adolescente com cancer. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 34, n. 1, p. 45–51, mar. 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes e Recomendações para o Cuidado Integral de Doenças Crônicas Não-Transmissíveis: Promoção da Saúde, Vigilância, Prevenção e Assistência, 2008

MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransForm. Psicol. (Online)**, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 86-98, 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 jun. 2025.

MURARI, Karina; DORNELES, Patrícia. Uma revisão acerca do padrão de autoimagem em adolescentes. **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, v. 3, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, M. R. DE .; MACHADO, J. S. DE A.. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 7, p. 2663–2672, jul. 2021.

REZENDE, A. M.; SCHALL, V. T.; MODENA, C. M. O adolescer e adoecer: vivência de uma adolescente com câncer. *Aletheia*, Canoas, n. 30, p. 88-100. 2009.

RIBEIRO, Priscila; CAMPOS, Nilce Maria de. Processos de Socialização da criança: algumas considerações teóricas. **SIMPÓSIO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**, v. 9, 2011.

ROSSATO, Lucas; DE LA FUENTE, Ana María Ullán; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Repercussões psicossociais do câncer na infância e na adolescência. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 55–62, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/mu.v29n2p55-62. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/637>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANCHEZ, K. DE O. L. et al.. Apoio social à família do paciente com câncer: identificando caminhos e direções. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 63, n. 2, p. 290–299, mar. 2010.

SANTOS, M. A. DOS .; SOUZA, C. DE .. Intervenções Grupais para Mulheres com Câncer de Mama: Desafios e Possibilidades. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e35410, 2019.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. DE M.. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 1, p. 107–115, jan. 2003.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. DE M.. Desenvolvimento da identidade em adolescentes estudantes do ensino médio. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 326–333, 2009.

SILVA, T.T. da. (2004). A produção social da identidade e da diferença. In T. T. da Silva (Ed.), **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais** (3. ed., pp. 73-102). Petrópolis, RJ: Vozes.

SOUZA, Wanderson Clayton dos Santos. *Et al.* Câncer: impacto do diagnóstico na vida dos pacientes. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano. 07, Ed. 11, Vol. 14, pp. 45-62. Novembro de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/vida-dos-pacientes>

VALENÇA, C. N., & GERMANO, R. M. (2009). Percepção da auto-imagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 10(4), 173-180.

VIEIRA, G.B.; SOUSA, R. M.; SANTO, F.H.E.; TEIXEIRA, E.R. Impacto do câncer na autoimagem do indivíduo: uma revisão integrativa. *Revista Baiana De Enfermagem*, Salvador, v.26,n.2, p.533-540, 2013.

WECHSLER, Amanda Muglia et al. Fatores contribuintes para a resiliência de adolescentes com câncer: um estudo piloto. *Psicologia, Saúde e Doenças*, Lisboa, v. 18, n. 3, p. 724-738, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/362/36254714008.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2025.